

<sup>166</sup>  
P R I Z Ã O  
I N I V S T A , M O R T E

18

76 FVLMINADA, E TESTA-  
M E N T O D O S E R E N I S S I -  
M O I N F A N T E

15063

Dom Duarte.

D E D I C A D O  
A G A S P A R D E F A R I A S E V E R I M  
do Concelho de S. Magestade, seu Secretario do  
expediente, & merces; Comendador,  
& Alcaide mór da Villa  
de Mora, Execu-  
tor mór deste  
Reyno.

P O R M A N O E L C O E L H O D E C A R V A L H O  
da cidade do Porto, Escriuão da Conta-  
doria geral de guerra,  
& Reyno.

---

E M L I S B O A .  
Com todas as licenças necessarias.

Por Manoel da Sylua, anno 1649.  
A custa de Vicente de Lemos Inzeiro.

76 H 40

THE  
JOURNAL OF  
JAMES MONTGOMERY

1791

1792

1793

1794

1795

1796

1797

1798

1799

1800

1801

1802

1803

**N** ão tem conſa algũa contra noſſa ſanta Fé, ou bõs  
coſtumes. S. Domingos de Lisboa 13. de Dezẽ-  
bro de 649.

*Fr. Fernãdo de Menezes.*

**V** iſta a informação podeſe imprimir as poeſias inclu-  
ſas, & depois de impreſſo tornarã ao Conſelho pa-  
ra ſe conferir com o original, & ſedar licença para cor-  
rer. & ſem ella não correrã. Lisboa 14. de Dezembro  
de 1649.

*Fr. João de Vaſconcellos.*

*Pero da Silua de Faria. Pantalião Rodrig. Pacheco.*

Podeſe Imprimir. Lisboa 14. de Nouembro de 649.

*Fr. Biſpo de Targa.*

**Q** ue ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do S. Offi-  
cio, & Ordinario, & depois de impreſſo virã á me-  
ſa para ſe conferir, & taixar, & ſem iſſo não correrã.  
Lisboa 20. de Dezembro de 649.

*Andrada.*

*Cazado.*

Eſtã conforme com o original. S. Domingos de Lisboa  
24. de Dezembro de 1649.

*Fr. Fernãdo de Menezes.*

Pode correr eſte papel. Lisboa 24. de Dezẽbro 649.

*F. João de Vaſconcellos. Pero da Silua de Faria.*

*Sebaſtião Ceſar. Pantalião Rod. Pacheco.*

Taixã ſe em dez reiſeſte caderno em Lisboa a 24. de  
Dezembro de 649.

*Menezes.*

*Pinheiro*

101

## DEDICATORIA:



Crecentar aos males penas, às saudades memorias, ao sentimento suspiros, mais parece multiplicar a dor, que solicitar o alivio; como logo entre os enmaranhados laberintos dos negocios, na corrente desatada dos despachos, no març magnũ do expediente, busco a v. m. para duplicar he ma goas, & não para diminuir he oppressões? antes porq̃ he repetir tristezas uso de mayor piedade, q̃ se nossa perda nã admittie consolacão por eternas, nem restitucão por desigual: comunicada a tristeza cõ a causa della, cessa o effeito; & quando nossa desgraça roubou este bẽ dos olhos, nosso desejo affectado nos restitue esta consolacão aos ouvidos. Males são os que dedico a v. m. padecidos do nosso Infante (melhor dissera de vossa difunta esperança) irani. us u. salas cõ a innocencia vedida, ou cõ vossa consolacão sepulta. Conuidar com mortes aos grandes, não he crime, antes de senzago; ã tambẽ para os sceiros se fizerão os Mausculos, para as coroas os tumulos, & para os Monarchas as sepulturas: pois nossa morta confiança nem lhe valeo o sagrado da Magestade, nã o respeitado da purpura, nem o supremo da grãdeza, antes por o ser tã do se lhe impetio a furia do Rayo mortal, q̃ ao mais sublime doma, & ao mais forte desbarata. Solicito a v. m. como quem sabe tanto da dor que repito para a sentir, dos metricos discursos para os estimar, não para desafogo do estillo, ã o criminoso da censura não lhe val o sagrado do respeito, ã perdoar ao amparo da grãdeza, & antes negar à essencia do sargeito, ã confessar a verdade do q̃ conhece, ou desconhece, que sã incapazes he negar o q̃ de si estã elivo: nã feridas enuelbecidas, nem os castenios da razõ as curio, nem cõ o oleo do vno da verdade sa rão. Receba v. m. entre os repetidos eccos das prisões minha v. tade catina a seu seruiço, entre os suspiros meu desejo sujeito a seu gosto, no estillo do pequeno trabalho hã sacrificio do entenhimento na operacão dello, para q̃ apezar dae veja triunphe da emulacão, & desacredite a censura. Guarde Deus a v. m. Lisboa 7. de Dezembro de 1647;

Manoel Coelho de Carvalho;

## ROMANCE.

**E**M hũ calabço infamê,  
 q̃ negou ao Sol entrada,  
 ou vergonhoſo a delitos,  
 ou armado de arrogancias.

Em hũ caos de eſcuras treuas,  
 tremula de horrores caſa,  
 da noite menor retrere,  
 da confuſão mayor ſala,

Cujas negras colgaduras  
 malanconicas eſtampas,  
 ou ſão da Morte pauezês,  
 ou ſão da tristeza galas.

Neste laberinto triste  
 de ſombras enmaranhadas,  
 retiro alheo a venturas,  
 proprio êcerro de desgraças.

Em eſta Priſão de mortos,  
 melhor diſſera morta lha,  
 pois nada recebe em vida,  
 que por a morte não ſaya.

Nesta donde a tirania  
 immorrais leuanta eſtatuas  
 ao tirano de Caſtella,  
 ao ingrato de Alemanha.

Entre grilhoês, & cadeas,

que ſer qualquer ſé tomard,  
 ou com voz para o aliuio,  
 ou ſem ſer em pena tantas.

Preſo o Portugues Infante  
 apenas em ſi ſe achaua,  
 vendo que ſua innocencia  
 por delito he caſtigada,

Aquelle peito inuenciuel  
 temido em tantas batalhas,  
 reſpeitado em os Palacios,  
 obedecido em campanhas.

Que foi temor de Caſtella,  
 pertençaõ da amiga França,  
 empenho grande a Succia,  
 receio mayor a Olanda,

Aquelle braço valente,  
 que tremolou tâtas palmas,  
 que dominou tantas gentes  
 q̃ embotou tantas eſpadas:

Aquelle coração grande,  
 aquella condiçaõ branda,  
 a piedade generoſa,  
 a mageſtade engraçada:

Aquelle deſejo em flor,  
 a columna Luſitana,

o muro de Portugal,  
 aluo a tantas confianças.  
 Despojado de vestidos,  
 & é lugar de arnes, & malha  
 duras cadeas o adornão,  
 propios arnezes da infamia  
 Que o ferro que dà triūphos  
 tal vez se se vya infama,  
 não porque serue de pena,  
 mas por effeito da causa,  
 Retirão lhe por castigo  
 os familiares de casa,  
 pois tratar gente vizinha  
 he aliuios em terra estranha  
 Impedem lhe o trato humano,  
 impia ley, acção tirana,  
 conhecendo se aliuias  
 a dor, que he cōmunicada.  
 Nestes rigores o corpo,  
 nestes males, nestas ansias,  
 em que viuo, ó sentimento,  
 sēpre morre, & nunca acaba  
 Sobrando a tirania  
 as limitações humanas,  
 intenta a cruez diluuios  
 infiel innundar lhe alma.  
 Prohibelhe o confessor,  
 q̃ amigo em a lingua Patria  
 era pasto dos sentidos,  
 se ao temor confiança.  
 Dezemparrado de amigos,  
 verdugos que offendē almas  
 quando pagão beneficios  
 com satisações ingratas.  
 Ao Sol de sua innocencia  
 seruem mirasloés as guardas  
 q̃ ao menor aceno de olhos  
 erão Argos as vinganças  
 Tal vez se ouuia o infante  
 dobrar a dor em palauras,  
 que repetidas ao vento  
 as restitue aumentadas.  
 Tal vez dizia entre sonhos  
 (se he q̃ quē pena descansa)  
 mas como era morto é vida  
 sempre dormindo velaua.  
 Melhor fora, melhor fora  
 nas masmorras Tangitanas  
 ao jugo duro infiel  
 ter a liberdade escrava.  
 E não vendido de amigos,  
 depois de tantas batalhas,  
 dando a quē me nega a vida  
 tantas sujgadas praças.  
 Viuse com seu Rey catiua  
 a scrē-

a serenissima infancia  
 de meu Pay, & ê tēros annos  
 fugeira á furia Otomana:  
 E em lugar de grilhoēs duros,  
 de barbaridades bravas,  
 desprezos, & ignominias,  
 acçoēs de gente Africana.  
 Ou de piedade, ou respeito  
 lhe restituem sua Patria,  
 que o magestoso em o pio  
 mais seus quilates realça.  
 Mas de meu sangue afrōtado!  
 em gente amiga desgraças!  
 se todos infelizmente  
 sãō felices nas entranhas!  
 Entregue a meus inimigos,  
 porquē seguindo suas armas  
 tanto clarim repetido  
 dei vencedor a sua fama!  
 Quem cuidara que a Raynha  
 da alatil turba faltara  
 ao que deve o magestoso  
 por ley diuina, & humana?  
 q̄ o mesmo sangue a seu sãgue  
 por preço algum ferira:  
 comprãdo cō proprio sãgue  
 de seu sangue a mesma infan-

(mia!

Quem ha que prudēte admitta  
 as humanas confianças,  
 quando a si, a Deos, a os homēs  
 não guardão os Keys pala-  
 Vacilante o pensamēto cura?  
 que orgulhoso nunca para,  
 flurua em tantas desditas,  
 delira entre peras tantas.  
 Noue cursos do Planeta;  
 que por minutos compassa  
 o termo da mortal vida  
 sofre fira e a sorte infaulta.  
 Vendido, preso, afrontado.  
 com opprobrios, & ameaças,  
 com vida quasi não vida  
 triste, aborrecida, amarga.  
 Neste horror, nesta desdita,  
 sem fausto, sē pôpa, & galas,  
 sem companhia, sem luz,  
 sem ter de aliuio esperanças;  
 Em hũa cama de agrauos,  
 que com ser de ferro a cama  
 a tam perfidas durezas  
 de seu natural se agraua.  
 Mortal enferma o Infante,  
 porq̄ o ser mortal lhe basta,  
 quãdo a tão arduos rigores:

A+

forão

forão menores as causas,  
 Teme a morte competilo  
 que inda q̄ em nada repara,  
 porq̄ immortal não pareça,  
 muitas prevenções achaca.  
 Quiz valer-se astutamente  
 das astucias Castelhanas,  
 por parecer compassiva  
 o golpe fatal lhe encampa.  
 Em Castelhanos venenos  
 se reueste a triste Parca,  
 q̄ sempre a varias desculpas  
 o tiro com imdisfarça.  
 Depois que em breues feridas  
 a muita vida desangra,  
 que o fulminado veneno  
 o vital licor trespasssa.  
 Lança em sangue por a boca  
 a pedaços as entranhas,  
 cujo impulso por violento  
 tantas sospeitas aclara.  
 Tolige a causa do effeito  
 o Infante, & se desengana,  
 que facilmente se affirma  
 a cousa mais esperada.  
 Para a palestra mortal  
 todas as forças prepara,  
 que quem na morte triūphã  
 o mayor triumpho aclama:  
 Esabendo que he a vida  
 flor, loopro, iluzão, & nada,  
 & se acredita discreta  
 à que na morte se salua.  
 Valeose seguramente  
 da immuniçade sagrada,  
 que por mais q̄ sobré culpas  
 ao perdão ja mais faz falta.  
 Chega o Viatico diuino  
 na custodia sacrosanta,  
 a cuja vista o Infante  
 rompeo em estas palauras.  
 Magestade incircunscrita,  
 que adoro sacramentada  
 em os brancos accidentes  
 dessas cortinas neuadas:  
 Iuis recto omnipotente,  
 em cuja presença sacra  
 o mais justo treme, & teme,  
 o mais gigante desmaya.  
 Vós que regeis absoluto  
 scetros dispondo, & rhearas  
 diuidis grandes imperios,  
 & perpetuais Monarchas,  
 A vós, a quem Lince eterno,  
 o mais

o mais oculto se aclará,  
 assiste o mais remontrado,  
 & o que falta a si se engana.  
 Por testemunha fiel,  
 pois sois a mais abonada,  
 vos como justo luis,  
 pois me poem à vida pauza.  
 Nove annos ha, Deos immenso,  
 que a minutos se deuasta  
 esta fabrica mortal  
 de semrazões contrastada.  
 Pois quanto a vida se applica  
 para poder conservar,  
 he em mim mais q̄ possuida  
 hũa morte imaginada.  
 No sustento, no vestido,  
 na mesa, passeio, & cama,  
 no trato, na companhia,  
 a morte sempre aguardava.  
 Quando a fera mais cruel  
 dorme; repousa, & descansa,  
 por quartos, & por instantes  
 me despertauão os guardas.  
 Castigar por pensamentos  
 vossa justiça vara,  
 he o auge de seu rigor,  
 sendo a mais igual balança:

Ea mim nem por pensamentos  
 Castella me prède, & mata,  
 mas scobra o temor injusto  
 sempre em injustiças para.  
 Elle Oceano de sangue,  
 que caudaloso não falta,  
 ao mais soberbo baixel,  
 nem a mais pequena barca:  
 Falte a meu roto para xe  
 em esta vlcima borrasca,  
 sendome mar proceloso,  
 o que a todos he bonança;  
 Se as culpas que me accumulão  
 de hũa sò imaginada  
 fui sat edor, que se o fora,  
 vencera tanta desgraça.  
 Porem as mortes por oras  
 me saõ vidas pella causa,  
 sabendo em esta prisão,  
 que a Patria liberta estaua:  
 Quando mil vidas possuira,  
 mais contente as tributaria;  
 q̄ he doce, & hõroso tributo  
 dar a vida por a Patria.  
 Senhor, eu vou a juizo,  
 protestouos minha causa;  
 para abono a innocencia,

não por crédito a vingança.  
 A vosso peito me acolho,  
 deixai Senhor, q̃ me valha,  
 não para logro da vida,  
 mas para em morto lograla.  
 Em os vltimos bofquejos  
 està a deseñhada estampa,  
 que a vossas respirações  
 quizestes formar de nada.  
 Se he meyo para o acerto  
 abreuarse esta mortalha,  
 venha, porq̃ em quãto vivo  
 ninguẽ im mortal se chama:  
 Entrai, Senhor, neste peito,  
 porque confiado aguarda,  
 que da cinza em que perece  
 Fenix de auxilios renasça.  
 Recebendo os Sacramentos,  
 seu testamento prepara.  
 que està rico de desejos  
 quãdo mais pobre de prata.  
 Patria amada, eu acabo,  
 porque liberta renasça  
 em esta vida mil mortes  
 meu coração te consagra:  
 Esta cedula, em que pobre,  
 em firmes archiuos guarda,  
 que não são sos as riquezas  
 as mais queridas heranças.  
 Verte liure ao fer o jugo  
 não mereci terra cara,  
 que foi preço a teu triũpho  
 minha liberdade de escrava.  
 Deixore meu grande amor,  
 prenio de tua esperança,  
 que em reciproca vnião  
 recuperes esta falta,  
 A Magestade fraterna,  
 que por justiça lhe quadra  
 a pezar da tirania  
 a diadema Lusitana,  
 Lhe deixo minhas saudades;  
 ó quem pudera aliuialhas,  
 que rendera muitas vidas,  
 porque a tiuesse mais larga.  
 Que goze o scetro feliz  
 em essa idade dourada,  
 se a perda da minha vida  
 nunca mais soube ganhala.  
 Ao Principe meu sobrinho  
 deixo o valor, & façanhas,  
 que lhe siruão de modelo  
 para poder imitalas.  
 Mas não a triste fortuna.

em tudo tam aduersaria,  
 que os seculos hão de ver  
 nelle feliz melhorada.  
 A memoria aos Portuguezes,  
 não para eternos choral,  
 por em para desengano  
 das astucias Castelhanas.  
 Deixo as lagrimas ao Tejo,  
 se tão o chorar lhe agrada,  
 porque a mar de tão choro  
 seu triste cristal não basta.  
 Minha tam tragica historia  
 deixo ás nações mais estra-  
 ã de tanta fé rãpida. Enhas,  
 a mais adulta se agrava.  
 A Castella dei co o sangue,  
 que viuo da terra clama,  
 porque elle dirá da terra,  
 se foi minha cruel guarda.  
 Deixo por castigo ingrato  
 as vitórias a Alemanha,  
 que ellas serãõ o verdugo,  
 que seus enganos combata.  
 Deixo a vontade a Suecia,  
 inda que a sua não iguala,  
 desejos mortos em flor  
 mal serãõ de viuos paga.

Meu constante coração  
 deixo agradecido a França,  
 por o bê que a meu irmão  
 em fraterno laço enlaça.  
 A firmeza a Catalunha,  
 por sua voica conttancia:  
 a pouca fêde Castella  
 à sagacissima Olanda.  
 Deixo meu corpo infeliz  
 em este Egypto de Italia,  
 pois nem morto mereci  
 ver a terra desejada  
 Em as mãos de Christo morto  
 viua êtrego esta minh alma,  
 q̃ é sua morte viue, & reina,  
 renasce, goza, & descansa.  
 Dice, quando a paracismos  
 anuncios mortais exala  
 em a trauação das veas  
 o licor vital se qualha.  
 A cor do aspecto exterior  
 veste palida garnacha,  
 se a ler de ponto começa  
 tantos pôtos de importácia  
 Cometa triste anuncia  
 a vista, luz eclipsada,  
 que o Sol de quem a recebe

em ocaſos ſe deſmaya.  
 A lingua a rezoões confuſas  
 das eloquencias auara,  
 mostra que a Babel viuente  
 por terra os muros arraza,  
 As mãos decrepitamente  
 linguas ſegundas das almas,  
 as acçoões do corpo mudas  
 guardão ſilencio cruzadas.  
 O relógio dos ſentidos,  
 às ordens do tempo pára,  
 & o fim das vltimas oras  
 a dilirios deſengana.  
 Toma hipocrita de luzes  
 hũa vela tam elcaça,  
 que a tranſiros varicínio  
 morria, & não ſe apagaua?  
 Dando o vltimo ſuſpiro  
 dorme o corpo, alma deſcã  
 porq̃ he hu n ſono eſta vida  
 que como ſono ſe paſſa.  
 Emfim morreo noſſo Infante,  
 fim de noſſas eſperanças,  
 para fins tam laſtimofos,  
 porq̃ não té fim as magoas.  
 O que foi noſſo deſejo.  
 noſſa viuã ſegurança,

que hoje he noſſo ſentimento  
 de tantos lutos a raya.  
 Faltou o Heroe mayor  
 cahio a ſublime eſtatuã,  
 arruinouſe o edificio  
 arrazarãoſe as muralhas.  
 Fica a tocha ſem ter luz,  
 a bella flor perde a graça,  
 veſteſe ſombras a eſtrela,  
 perde aruore as verdes ra-  
 Repitão ecõs mortais, (mas  
 aues, feras, flores, plantas,  
 terras, mōtes, valles, prados,  
 mares, rios, fontes, aguas.  
 Naçoões, reynos, potentados,  
 climas, regiões contrarias,  
 eulutemle aduſtos Polos,  
 á dor triſte, á lorte amarga.  
 Chore, lamente, ſuſpire,  
 a terra, o Povo, o Monarcha  
 juſtiça clame juſtiça,  
 vingança incite vingança,  
 O Alma ditosamente  
 venturoſa em as deſgraças,  
 ſe mereceſte por ellas  
 ſeres bemauenturada.  
 Lá neſſe deſcanſo eterno

(ſe

(se chegão lá penas tantas) (ob dos annos, que breue acaba,  
 recebe amante suspiros) quem as idades ocultas  
 nas repetições magoadas. teu nome perpetuara.  
 Em esses rubins ardentes Mas ja que a sorte infeliza  
 por nosso aliuio desconfia, até nisto foi eleza,  
 donde a teu rogo veremos nossos corações tam tristes:  
 exaltar as guinas santas. immortais se erigem Aras:  
 Morreste como viueste, Que se a memoria he sem fim  
 que o viuer não se dilata, e finem te guardar à grata  
 por o muito, mas por bem, sem dar fim a teus lououres  
 q' a morte por todos paga. porq' não tem fim tua fama.  
 Se tantas mortes morrias, Para ò curso, ò Pena, em pena,  
 se ausente de nós estauas, q' em penas tão sublimadas,  
 hoje subindo gloriosa, que Pena capaz, apenas  
 de morrer mortal acabas. pôde escrever penas tantas?  
 A nosso eterno sentir, Ao sentimento do Infante  
 que t'êpô, o remedio basta? abate as humildes azas  
 viue pois a nossa pena, onde euirás doctamente  
 morto a nossas esperanças, vozes de Cisnes mais altas?  
 Quem tiuera a tuas reliquias, Que em Panegiricos tristes,  
 marmoreas grutas de Italia, em câções cheas de magoas  
 tantos simeterios Gregos, em funebres epitafios,  
 as machinas Adrianas. elegias lastimadas.  
 Dos Pompeyos largas urnas, Tanta suspensão se chora,  
 as Artemizias estatuas, tanta virtude se canta  
 Augustas, & ardentes Pyras de hua morte tão sentida,  
 as Piramides Gitanas. hua vida bem lograda.  
 Que contra o rebelde curso

FINIS,

Cinco Epitafios à sepultura do serenissim.o Infante Dom Duarte  
do mesmo Autor.

Leua cada hũa hũa vogal menos,

Primeiro sem A.

Neste portido violento  
em pó se vê reduzido,  
o que morrendo, vencido,  
vencedor viue proferido:  
este comum sentimento,  
eterno seu nome escreue,  
vendo que morrendo teue  
em seu triumpho glorioso  
no ceo solio imperioso,  
no mundo sepulchro breue.

Segundo sem E.

Chora Portugal, suspira  
dar o dominio tirano  
do mais infando Trajano,  
larga fama a curta Pira,  
o fim fulminado admira,  
justa vingança aqui implora,  
não da comum tragadora,  
mas da injusta causa impia,  
pois achou a tirania  
quanta vida a Parca ignora,

Terceiro sem I.

Encerra o Lulo Duarte  
este funebre Mausoleo,  
que era deste ao outro Polo  
hora de Palas, & Marte;  
fermatura, esforço, & arte  
este tumulo descreue,  
transformado em terra leue  
para horror, & delenganos,  
grãde exêplo em poucos anos  
grande fama em tempo breue.

Quarto sem O.

Caminhãte esta vna breue  
quasi esphera presumida,  
he alma de tanta vida,  
quanta se lhe rende em neue:  
feliz ventura emfim teue  
na descida singular,  
que se vem nella acabar  
da vida a humana essencia,  
aqui vés para excellencia  
salta para mais durar.

Rendid

Quinto sem V.

Rendido o poder da morte aos olhos pode faltar,  
 Se marmore eterniza, se em extremo de acabar  
 eis sendo do fim baliza, fica eterno na memoria:  
 principio a melhor sorte, alma como era da gloria,  
 no corpo a Parca o corte: á gloria se foi morar.

Do mesmo Autor

## SONETO:

**Q**ue confusão, que dor, que sentimento!  
 que canções, que suspiros, que gemidos!  
 de tantos corações são repetidos,  
 sendo incapaz de alívio seu tormento!  
 Naufragante se vê o entendimento,  
 sobrados perigaõ os sentidos,  
 os brios da vontade já perdidos  
 despojaõ o poder ao pensamento.  
 Morto o Infante alma das potencias,  
 que potencia com alma se conhece?  
 Pois nelle leua tudo a triste sorte:  
 Fiquemnos na memoria as apparencias:  
 que he fineza viuer à dor que crece,  
 & fraqueza pedir remedio á morte.

Do mesmo Autor, aludindo a pedir el.  
Rey de Castilla o Reyno de Angola  
por a liberdade do serenif-  
simo Infante,

SONETO.

**P**ede Castilla imiga conhecida  
hum Reyno por a vida do Infante;  
elle rendendo a vida vai triumphante  
gozar Reyno melhor, & eterna vida;  
Castella a liberdades o conuida,  
mas elle a seus organos repugnante  
entrega a vida a morte mais constante,  
por ver na morte a vida renascida:

O desprezo da vida, ò vida certa!  
ò ditosa prisão, ò liberdade!  
ò vida que escapaste e mortal corte!  
Se desprezar hum Reyno, hum ceo acerta,  
se o fenecer, viuer eternidade,  
quem te preza, & te teme, ò uida, ò morte?

LAVS DEO.